

TRADUÇÃO

ÉTICA DE MAIMÔNIDES¹

MAIMONIDES ETHIC

Moisés Maimônides

Tradução de Enio Paulo Giachini²

APRESENTAÇÃO³

Oito capítulos faz parte do *Comentário de Maimônides sobre a Mishná*. A própria Mishná é um código primevo de direito rabínico, datado do século III d.C. Tornou-se mais tarde parte do Talmude, que contém longas e muitas vezes complicadas discussões sobre a Mishná. O *Comentário de Maimonides sobre a Mishná*, seu primeiro trabalho legal, tornou a Mishná acessível a leitores que não tinham amplo conhecimento do Talmude.

Nenhum tratado da Mishná lida com a ética como tal. Para dar um relato coerente desse assunto, Maimonides escreveu uma longa introdução ao *Pirquei Avot (Capítulos dos pais)*. Esta Introdução, uma unidade autônoma com surpreendentemente poucas citações de *Avot*, veio a ser conhecida como *Oito capítulos*. O trabalho não foi intitulado *Oito capítulos* por Maimônides, mas ele dividiu o texto original árabe em oito capítulos.

OITO CAPÍTULOS

INTRODUÇÃO

Na introdução a esta composição, explicamos a razão pela qual este compilador colocou este tratado [*Avot*] nesta *ordem*, e também mencionamos sua grande utilidade. Várias vezes nas partes anteriores

¹ MAIMÔNIDES, M. **Ethical writings of Maimonides**. Nova Iorque: Dover Publications, 1975, p. 59-104.

² FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

³ Apresentação de Raymond L. Weiss e Charles Butterworth.

desta composição prometemos falar sobre assuntos úteis neste *tratado* e fazer isso com alguma extensão. Pois, embora seja claro e facilmente compreensível na superfície levar a efeito o que ele contém, não é fácil para todas as pessoas, nem todas as suas intenções são compreensíveis sem uma explicação lúcida. No entanto, sua prática leva a uma grande perfeição e a uma felicidade verdadeira, e, portanto, achei conveniente discuti-lo em detalhes.

Eles [os sábios], que a paz esteja com eles, disseram: *Quem quer que se torne um homem piedoso deve cumprir as palavras de Avot*. Segundo compreendemos, não há hierarquia acima da *piedade*, exceto a profecia, uma levando à outra. Como eles disseram: *A piedade traz o Espírito Santo*. Assim, pelo que eles disseram, é claro que seguir a disciplina descrita neste *tratado* leva à profecia. Explicaremos a verdade disso, pois abrange uma grande parte da moralidade.

Antes de iniciar a explicação de *cada lei particular*, achei conveniente começar com alguns capítulos úteis, dos quais podem-se adquirir princípios e que também será como uma chave para o que apresentaremos no comentário.

Saiba que as coisas sobre as quais falaremos nesses capítulos e no que virá no comentário não são assuntos inventados por mim mesmo, nem explicações que eu tenha criado. De fato, são assuntos reunidos a partir do discurso dos *sábios* no *Midrash*, do *Talmud* e de outras composições deles, bem como do discurso dos filósofos antigos e modernos e das composições de muitos homens. Ouve a verdade de quem quer que diga isso. Às vezes eu tomei uma passagem completa do texto de um livro famoso. Então, não há nada de errado com isso, pois não atribuo a mim mesmo o que foi dito por alguém que me precedeu. Assim, reconhecemos isso e não indicamos que “assim fulano de tal falou isso” e “sicrano falou tal”, já que seria prolixidade inútil. Além disso, [identificar] o nome de tal indivíduo pode tornar a passagem ofensiva para alguém sem experiência e fazê-lo pensar que ela teria um significado interno maligno do qual não está ciente. Consequentemente, julguei conveniente omitir o nome do autor, pois meu objetivo é ser útil ao leitor. Vamos explicar-lhe os significados ocultos neste *tratado*.

Agora, volto-me para os capítulos que achei adequado para apresentar aqui, de acordo com o meu objetivo. Existem oito capítulos.

CAPÍTULO I – DA ALMA DO HOMEM E SUAS FACULDADES

Saiba que a alma do homem é uma alma singular. Tem muitas ações diferentes, algumas das quais são às vezes chamadas de almas. Poder-se-ia pensar, portanto, como os médicos, que o homem tem muitas almas. Até mesmo o mais eminente médico afirmou que existem três almas: natural, vital e psíquica⁴. Às vezes são chamadas de faculdades e partes, de modo que se fala das partes da alma. Essa terminologia é frequentemente usada pelos filósofos. Ao dizer “partes”, eles não estão dizendo que a alma é dividida em partes, como os corpos são divididos em partes. De fato, eles consideram as diferentes ações da totalidade da alma como partes de um todo composto dessas partes.

Você sabe que a melhoria dos hábitos morais é o mesmo que a cura da alma e suas faculdades. O médico que cura os corpos precisa primeiro conhecer, em sua totalidade, o corpo que está curando e o que são as partes do corpo, quero dizer, o corpo do homem. E ele precisa saber o que faz com que o corpo se torne doente, para que possa ser evitado, e as coisas que o tornam saudável, para que possam ser perseguidas. Da mesma forma, aquele que trata a alma e deseja purificar os hábitos morais precisa conhecer a alma em sua totalidade e em suas partes, bem como o que a torna doente e o que a torna saudável. Por isso, digo que existem cinco partes da alma: nutritiva, senciente, imaginativa, apetitiva e racional.

Já indicamos neste capítulo que nosso discurso seria sobre a alma do homem, porque a parte nutritiva do homem, por exemplo, não é a mesma coisa que a parte nutritiva que pertence a um burro ou a um cavalo. Pois o homem é nutrido pela parte nutritiva da alma humana, um burro é nutrido pela parte nutritiva da alma do burro, e uma palmeira é nutrida pela parte nutritiva de sua alma. Agora, diz-se que todos esses indivíduos são “nutridos” apenas devido ao caráter

⁴ R. Judah o príncipe, o rabino sábio que compilou a *Mishnah*.

ambíguo da palavra, não porque o significado em si seja um. Da mesma forma, diz-se que um homem e um animal individuais são “sencientes” apenas devido ao caráter ambíguo da palavra, não porque a sensação que está no homem seja a mesma sensação que está no cavalo. Nem a sensação que está em uma espécie é a mesma sensação que está em outra espécie. Pelo contrário, cada espécie que possui uma alma possui uma alma única, diferente da alma de outra [espécie].

Certas ações derivam necessariamente de uma alma e outras ações de outra alma. Uma ação pode se assemelhar a outra ação, de modo que as duas ações são consideradas idênticas, embora não sejam. Por exemplo, considere três lugares escuros: o sol brilha sobre um deles e ele fica iluminado; a lua se eleva sobre o segundo lugar e ele fica iluminado; uma lâmparina é acesa no terceiro lugar e ele fica iluminado. A luz é encontrada em cada um deles, mas a razão e causa para a primeira luz é o sol, a causa da segunda é a lua, e a causa da terceira é o fogo. Da mesma forma, a causa da sensação de um homem é a alma do homem; a causa da sensação de um jumento é a alma do jumento; e a causa da sensação de uma águia é a alma da águia. Não há noção comum a todas elas [as sensações] exceto pela equivocação. Fixa essa noção, pois é extraordinariamente maravilhosa. Muitos pseudofilósofos tropeçam nisso e, portanto, apegam-se a opiniões repulsivas e opiniões incorretas.

Volto ao nosso ponto sobre as partes da alma. Eu digo que a parte nutritiva consiste no poder de atrair, reter, digerir, excretar, crescer, procriando sua espécie e separando misturas de modo que assim selecione o que deve ser usado para a nutrição e o que deve ser excretado. O discurso relativo a essas sete faculdades, os meios pelos quais elas agem, como elas agem, em quais órgãos sua ação é mais óbvia e evidente, quais [faculdades] estão continuamente em existência e quais cessam em um dado momento – tudo isso pertence necessariamente à arte da medicina. Não há necessidade de abordar isso aqui.

A parte sensiente [da alma] consiste nas cinco faculdades bem conhecidas por todo mundo: visão, audição, paladar, olfato e tato. O

último é encontrado em toda a superfície do corpo e não tem órgão específico como as outras quatro faculdades.

A parte imaginativa é a faculdade que preserva as impressões dos objetos sensivelmente percebidos depois que eles desaparecem da imediação dos sentidos que os percebem. Algumas impressões são combinadas com outras e algumas são separadas das outras. Portanto, das coisas que percebeu, essa faculdade reúne coisas que não percebeu de todo e que não são possíveis de perceber. Por exemplo, um homem imagina um navio de ferro flutuando no ar, ou um indivíduo cuja cabeça está nos céus e cujos pés estão sobre a terra, ou um animal com mil olhos. O poder imaginativo reúne muitas dessas coisas impossíveis e as faz existir na imaginação. Com relação a esse ponto, os teólogos dialéticos cometem um grande e repulsivo erro, sobre o qual puseram a base de sua visão errônea a respeito da divisão entre o necessário, o admissível e o impossível. Eles pensavam, ou faziam as pessoas pensarem, que tudo o que pode ser imaginado é possível. Eles não sabiam que esse poder combina coisas cuja existência é impossível, como já mencionamos.

A parte apetitiva é o poder pelo qual um homem deseja, ou é repellido por uma certa coisa. Desse poder originam-se ações como buscar alguma coisa ou fugir dela, bem como ser atraído para algo ou evitá-lo; raiva e agradabilidade, medo e ousadia, crueldade e compaixão, amor e ódio, e muitos desses distúrbios da alma. Esse poder usa todos os órgãos do corpo como instrumentos; por exemplo, o poder da mão para bater, o poder do pé para caminhar, o poder do olho para ver, e o poder do coração por ser ousado ou temeroso. Da mesma forma, o restante dos órgãos – internos e externos – e seus poderes são instrumentos para essa faculdade apetitiva.

A parte racional é o poder encontrado no homem pelo qual ele percebe inteligíveis, delibera, adquire as ciências e distingue entre ações baixas e nobres. Algumas dessas atividades são práticas e algumas são teóricas. Das práticas, algumas são produtivas e algumas são reflexivas. Por meio das teóricas, o homem conhece a essência dos seres imutáveis. Essas [atividades teóricas] são chamadas de

ciências sem qualificação. As produtivas são o poder por meio do qual aprendemos ocupações, como carpintaria, agricultura, medicina e navegação. A reflexiva é aquela pela qual se delibera sobre uma coisa que se deseja fazer no momento em que deseja – se é possível fazê-lo ou não e, se for possível, como deve ser feito. Este é o alcance até onde o tema da alma deve ser discutido aqui.

Saiba que essa alma singular, cujas faculdades ou partes são descritas acima, é igual à matéria e o intelecto é sua forma. Se não atingir sua forma, a existência de sua capacidade de receber essa forma é inútil e é, por assim dizer, fútil. Este é o significado de sua declaração [de Salomão]: *De fato, sem conhecimento uma alma não é boa*. Ele quer dizer que a existência de uma alma que não atinge sua forma, sendo antes uma alma sem conhecimento, não é boa. Este não é o lugar para um discurso sobre forma, matéria ou quantos intelectos existem e como são atingidos. Não é necessário para o discurso que queremos [apresentar] sobre ética, mas é mais apropriado para o Livro de Profecia que mencionamos. Aqui termino este capítulo e começo outro.

CAPÍTULO II – SOBRE A DESOBEDIÊNCIA⁵ DAS FACULDADES DA ALMA E SOBRE O CONHECIMENTO DA PARTE EM QUE AS VIRTUDES E OS VÍCIOS SÃO PRIMARIAMENTE ENCONTRADOS

Saiba que a desobediência e a obediência da Lei são encontradas apenas em duas partes da alma, a saber, a parte senciente e a parte apetitiva. Todas as *transgressões* e *mandamentos* envolvem essas duas partes. Não há obediência ou desobediência nas partes nutritivas ou imaginativas, uma vez que os pensamentos e a escolha de forma alguma agem sobre eles. Por seu pensamento, o homem não pode

⁵ Maimônides aceita esta divisão tripartida da alma como tendo uma certa validade. Ver, por exemplo, *Guia dos Perplexos*, III 12 (21b). Em um de seus trabalhos médicos, ele diz que o poder natural é fortalecido pela nutrição, o poder vital pela música e notícias alegres, e o poder psíquico por odores agradáveis. Esses três poderes têm uma base corporal em espíritos de vapor fino. O espírito natural é o vapor no sangue do fígado; o espírito vital é o vapor no sangue do coração; o espírito psíquico é encontrado nos vapores do cérebro.

suspender sua ação ou limitá-la a uma determinada ação. Você não vê que essas duas partes – quero dizer, a nutritiva e a imaginativa – estão ativas durante o sono, diferentemente das outras faculdades da alma? Embora haja perplexidade com relação à parte racional, eu digo que essa faculdade também pode provocar obediência e desobediência, ou seja, crença em uma opinião falsa ou verdadeira. Mas não há nenhum ato nele ao qual os termos *mandamento* ou *transgressão* se aplicariam. Por isso, no que antecedeu, eu disse que as *transgressões* e os *mandamentos* são encontrados nessas duas partes.

Quanto às virtudes, existem dois tipos: virtudes morais e virtudes racionais. Opostos a elas temos dois tipos de vícios. As virtudes racionais são encontradas na parte racional. Entre elas estão: (i) a sabedoria, que é o conhecimento das causas remotas e próximas e que vem após o conhecimento da existência da coisa cujas causas estão sendo investigadas; e (ii) a inteligência, que inclui (a) o intelecto teórico, quero dizer, os primeiros inteligíveis, que temos por natureza; (b) o intelecto adquirido, mas este não é o lugar para abordar esse tema; e (c) brilhantismo e excelente compreensão, isto é, excelente compreensão de uma coisa rapidamente, em num instante ou em um tempo muito curto. Os vícios deste poder são o contrário destes ou do seu oposto.

As virtudes morais são encontradas apenas na parte apetitiva, e a parte sencieta é, neste caso, uma serva da parte apetitiva. As virtudes desta parte são muito numerosas; por exemplo, moderação, liberalidade, justiça, generosidade, humildade, contentamento, coragem e outros. Os vícios desta parte consistem em serem deficientes ou excessivos em relação a estas [coisas].

Nem a virtude nem o vício são atribuídos às partes nutritivas e imaginativas. Em vez disso, diz-se que elas fluem de maneira apropriada ou imprópria, assim como se diz que a digestão de um homem é excelente, parou ou está prejudicada, ou que sua imaginação está prejudicada ou flui adequadamente. Não há virtude nem vício em nenhuma dessas coisas. Isto é o que desejamos estabelecer neste capítulo.

CAPÍTULO III – SOBRE AS DOENÇAS DA ALMA

Os antigos diziam que a alma pode ser saudável ou doente como o corpo pode ser saudável ou doente. A saúde da alma consiste em sua condição e em suas partes, de tal modo que sempre faz coisas boas e decentes e realiza ações nobres. Sua doença consiste em sua condição e em suas partes, de tal modo que sempre faz coisas más e feias e realiza ações baixas.

A saúde e a doença do corpo são investigadas pela arte da medicina. Agora, devido à corrupção de seus sentidos, as pessoas com corpos doentes imaginam o doce como amargo e amargo como doce. Eles imaginam que o que é adequado não é adequado; eles desejam e têm grande prazer em coisas que não contêm nenhum prazer para o paladar e que podem até ser dolorosas, como comer argila, carvão, sujeira e coisas que são extremamente pungentes e azedas, assim como alimentos similares que os saudáveis não desejam, mas detestam. Da mesma forma, pessoas com almas doentes, quero dizer, homens maus e defeituosos, imaginam coisas ruins como coisas boas e boas como ruins. O homem mau sempre tem um desejo por fins que na verdade são ruins. Por causa da doença de sua alma, ele imagina que eles sejam bons.

Quando os doentes que não são proficientes na arte da medicina tornam-se conscientes de sua doença, eles procuram os médicos. Eles [os médicos] os informam sobre o que precisam fazer, proibem-nos de tomar o que imaginam ser agradável e os compelem a tomarem coisas desagradáveis e amargas que curarão seus corpos, de modo que eles se deleitem novamente em coisas agradáveis e detestem coisas ruins. Da mesma forma, aqueles com almas doentes precisam procurar os sábios, que são os médicos da alma. Estes últimos irão proibir as coisas ruins que eles [os doentes] acham que são boas e tratá-los por meio da arte que trata os hábitos morais da alma, como explicaremos no próximo capítulo.

Aqueles com almas doentes que não reconhecem sua doença, mas imaginam que são saudáveis ou que a reconhecem, mas não

se submetem a tratamento médico, irão se deparar com o fato de um homem doente que persegue seus prazeres e não se submete a tratamento médico – e sem dúvida perecerá.

Aqueles que reconhecem sua doença e perseguem seus prazeres são mencionados na verdadeira Escritura, que os descreve dizendo: *Porque na teimosia do meu coração eu caminho* etc. (Dt 29,18); isto é: ele pretende saciar sua sede, mas na verdade aumenta-a.

Aqueles que não reconhecem sua doença são descritos por Salomão em muitos lugares. Ele disse: *O caminho do tolo é reto a seus olhos, mas aquele que ouve o conselho é sábio* (Pr 12,15) – ele quer dizer que o homem que aceita a opinião do homem sábio, que o informa sobre o caminho que é verdadeiramente reto, não aquele que supõe ser reto. E ele [Salomão] disse: Há um caminho que parece ser reto para um homem, mas o seu fim são os caminhos da morte (Pr 14,12). Ele disse daqueles cujas almas estão doentes e que não sabem o que é prejudicial ou útil para elas: *o caminho do ímpio é como a escuridão; eles não sabem por que tropeçam* (Pr 4,19).

A arte do tratamento médico para a alma é como descreverei no quarto capítulo.

CAPÍTULO IV – SOBRE O TRATAMENTO MÉDICO PARA AS DOENÇAS DA ALMA

Boas ações são aquelas equilibradas no entremeio entre dois extremos, os quais são ambos ruins; um deles é um excesso e o outro uma deficiência. As virtudes são estados da alma e disposições estabelecidas na média entre dois estados ruins [das almas], um dos quais é excessivo e o outro deficiente. Certas ações resultam necessariamente desses estados [da alma]. Por exemplo, moderação é o hábito moral no intermédio entre luxúria e insensibilidade ao prazer. Assim, a moderação é uma das boas ações, e o estado da alma que produz moderação é uma virtude moral. A luxúria é o primeiro extremo e a insensibilidade total ao prazer é o outro extremo; ambos são completamente ruins. Os dois estados da alma

que necessariamente dão origem à luxúria (o estado excessivo) e à insensibilidade (o estado deficiente) são ambos vícios morais. De maneira semelhante, a liberalidade é o intermédio entre avareza e extravagância; a coragem é o intermédio entre a imprudência e a covardia; sagacidade é o intermédio entre bufonaria e embotamento; humildade é o intermédio entre altivez e humilhação; generosidade é o intermédio entre prodigalidade e mesquinhez; contentamento é o intermédio entre ganância e preguiça; gentileza é o intermédio entre irascibilidade e servilismo; a modéstia é o intermédio entre impudência e timidez; e assim também com o resto dos demais. Se os significados forem compreendidos, não é absolutamente necessário que os nomes sejam atribuídos a eles.

As pessoas frequentemente erram em relação a essas ações e pensam que um dos dois extremos é bom e uma virtude da alma. Às vezes, eles acham que o primeiro extremo é bom, como quando eles acham que a impetuosidade é uma virtude e chamam homens impetuosos de corajosos. Se eles veem uma pessoa excessivamente impetuosa e ousada em uma situação perigosa que intencionalmente se lança em perigo, mas é salva por acaso, eles o elogiam e, por isso, chamam-no de corajoso. Às vezes, eles acham que o outro extremo é bom e dizem que alguém que se deprecia é gentil; ou que um homem indolente está satisfeito; ou que alguém insensível ao prazer por causa da secura de sua natureza é moderado. Devido a esse tipo de erro, eles também acham que a extravagância e a prodigalidade estão entre as ações louváveis. Ora, tudo isso não está direito, pois na verdade elogia-se a mediania, e é preciso tender a isso e continuamente sopesar as ações com vistas a esse meio.

Saibam que essas virtudes e vícios morais são adquiridos e firmemente estabelecidos na alma repetindo frequentemente as ações relativas a um hábito moral específico por um longo período de tempo e ao nos acostarmos a elas. Se essas ações forem boas, nós adquiriremos a virtude; se forem ruins, adquiriremos o vício. Visto que, por natureza, o homem não possui virtude ou vício no início de sua vida (como explicamos no oitavo capítulo), desde a infância ele

estará indubitavelmente habituado a ações de acordo com o estilo de vida de sua família e do povo de sua cidade. Essas ações podem ser excessivas ou defectivas, como indicamos.

Se sua alma adoecer, ele deve seguir o mesmo caminho ao tratá-la como no tratamento médico para os corpos. Pois quando o corpo se desequilibra, observamos para que lado ele se inclina ao se tornar desequilibrado, e então o opomos com o contrário até que ele retorne ao equilíbrio. Quando está em equilíbrio, removemos esse contrapeso e voltamos ao que mantém o corpo em equilíbrio. Agimos de maneira semelhante em relação aos hábitos morais. Podemos, por exemplo, ver um homem cuja alma atingiu uma condição na qual ele é avarento em relação a si mesmo. Esse é um dos vícios da alma, e a ação que ele realiza é uma das más ações – como explicamos neste capítulo. Assim, se quiséssemos dar tratamento médico a essa pessoa doente, não o mandaríamos ser liberal. Isso seria como usar um recurso equilibrado para tratar alguém cuja febre é excessiva; isso não o curaria de sua doença. De fato, este homem [com uma alma avarenta] precisa ser impingido a ser extravagante a toda hora. Ele deve repetidamente agir de maneira extravagante até que a condição que o torna miserável seja removida de sua alma, e ele quase adquira uma disposição extravagante ou se aproxime dela. Então faríamos com que ele parasse com as ações extravagantes, ordenando que ele realize continuamente ações liberais. Ele deve aderir constantemente a esse recurso e não ir em direção ao excesso ou deficiência. Da mesma forma, se o víssemos atuar de maneira extravagante, ordenaríamos que ele realizasse repetidamente ações miseráveis.

Mas nós não o faríamos repetir ações miseráveis o mesmo tanto de vezes que o faríamos repetir ações extravagantes. Essa sutileza é a regra da terapia e é o seu segredo, pois um homem pode mais facilmente passar da extravagância para a liberalidade do que da avareza para a liberalidade. Da mesma forma, é mais fácil passar do ser insensível ao prazer para o ser moderado, do que de lascivo a moderado. Portanto, fazemos com que o homem lascivo repita ações que não têm prazer mais do que fazemos com que o homem insensível

repita ações lascivas; exigimos que o covarde pratique mais ações ousadas do que o homem imprudente pratique ações ousadas; e treinamos o homem mesquinho a praticar a prodigalidade mais do que treinamos o homem pródigo à mesquinhez. Esta é a regra para o tratamento médico dos hábitos morais, portanto, memorize-a.

Por causa deste ensino, os homens virtuosos não deixariam uma disposição de suas almas permanecer no intermédio, mas inclinariam um pouco para o excesso ou a carência como precaução. Quer dizer, eles iriam, por exemplo, inclinar-se um pouco da moderação para a insensibilidade para o prazer, da coragem, iriam se inclinar um pouco para a imprudência, da generosidade, um pouco para a prodigalidade, da humildade, um pouco para a humilhação e igualmente do restante. Esse é o significado expresso em suas palavras, *dentro dos ditames da lei* (Jr 9,1). O que os homens virtuosos faziam em certos momentos e também o que alguns indivíduos [dentre eles] sempre faziam ao se inclinar para um extremo – por exemplo, jejuar, levantar à noite, abster-se de comer carne e beber vinho, manter-se longe das mulheres, vestir roupas de lã e pele, morar nas montanhas, e se isolar em lugares desolados – eles o fizeram apenas com vistas ao tratamento médico, como já indicamos. Novamente, se eles vissem que, devido à corrupção do povo da cidade, eles seriam corrompidos pelo contato com eles e vendo suas ações e que o intercurso social com eles traria a corrupção de seus próprios hábitos morais, então eles se retirariam para lugares desolados onde não há homens maus. Como o profeta disse, a paz esteja com ele: *oxalá eu estivesse no deserto!* (Jr 9,1)

Quando os ignorantes viram esses homens virtuosos praticando tais ações, mas sem conhecer sua intenção, pensaram que essas ações eram boas e buscaram realizá-las, alegando serem virtuosos como aqueles homens. Eles começaram a affigir seus corpos com todo tipo de aflição, achando que estavam adquirindo virtude e fazendo algo de bom e assim se aproximariam de Deus – como se Deus fosse um inimigo do corpo e desejasse sua ruína e destruição. Eles não estavam cientes de que essas ações são ruins e que é desse modo que se adquire um dos vícios da alma. Tais homens só podem ser comparados a alguém

ignorante da arte da medicina que vê médicos habilidosos darem a pessoas doentes a polpa de coloquintida, escamônia, aloé e coisas semelhantes para beber, proibindo-os de qualquer alimento, e que eles estão curados de sua doença, escapando completamente da destruição. Tal homem ignorante então diz: “Uma vez que essas coisas curam a doença, é ainda mais apropriado e adequado que elas preservem ou aumentem a saúde de um homem saudável”. Eles, então, começam a tomar esses medicamentos continuamente e seguem o regime dos doentes; como resultado, ficam indubitavelmente doentes. Da mesma forma, agem aqueles com almas doentes, tomando medicamentos enquanto estão saudáveis.

Esta lei perfeita que nos aperfeiçoa não faz menção a essas coisas. Como [o salmista] que sabia disso, testificou: *A lei do Senhor é perfeita, tornando sábio o simples, restaurando a alma*⁶. De fato, seu objetivo é que o homem seja natural, seguindo o caminho do meio. Ele deve aderir à média quando comer qualquer coisa que ele tenha para comer, quando beber o que for que ele tenha para beber e quando tiver relações sexuais com quem quer que seja que ele tenha relações sexuais. Ele habitará numa cidade e seguirá a justiça e a equidade; ele não deve habitar cavernas ou montanhas, nem usar roupas de peles e lã, nem atormentar seu corpo ou torná-lo cansado ou afligi-lo. Isso é proibido na tradição que chegou até nós. Ele [Deus] disse sobre o nazireu: *Ele [o sacerdote] fará expiação por ele porque pecou contra a alma* (Nm 6,11). *Eles disseram: Ora, contra qual alma ele pecou? Sua própria, porque ele se absteve do vinho. Não existe aqui um argumento do menor para o maior? Se quem se aflige em relação ao vinho precisa da expiação, quanto mais aquele que se aflige em relação a tudo [precisa de expiação].*

Nas tradições de nossos profetas e daqueles que transmitem nossa Lei, vemos esses homens tendendo para o meio e preservando suas almas e corpos de acordo com o que a Lei exige. Deus (que Ele seja exaltado) respondeu através de Seu profeta àqueles que perguntaram

⁶ (Sl 19,8) O verso original diz: “A lei do Senhor é perfeita, restaura a alma; o testemunho do Senhor é seguro, torna sábio o simples”.

se deveriam continuar jejuando por um dia no ano ou não. Eles disseram a Zacarias: “Eu deveria chorar no quinto mês, separando-me, como tenho feito por tantos anos?” (Zc 7,3) Respondeu-lhes ele: *Quando jejuavas e lamentaste no quinto e no sétimo mês por estes setenta anos, jejuavas a mim, precisamente a mim? E quando você come e você bebe, você não é quem come e quem bebe?* (Zc 7,5-6). Então Ele ordenou-lhes que seguissem apenas o mediania e a virtude, e não jejuar. Isto é o que ele disse para eles: *Assim falou o Senhor dos exércitos dizendo: Cada homem exerça o julgamento verdadeiro e mostre benevolência e compaixão ao seu irmão etc.* (Zc 7,9) Depois disso, ele disse: *Assim diz o Senhor dos exércitos: O jejum do quarto mês e o jejum do quinto e o jejum do sétimo e o jejum do décimo serão para a casa de Judá e a alegria, os regozijos e as estações alegres. Ame a verdade e a paz* (Zc 8,19), saiba que a verdade se refere às virtudes racionais porque são imutavelmente verdadeiras (como mencionamos no segundo capítulo) e que a paz se refere às virtudes morais pelas quais há paz no mundo.

Eu volto ao meu propósito. Se for dito pelos homens de nossa Lei que imitam as [outras] comunidades religiosas – e eu falo apenas delas – que eles atormentam seus corpos e renunciam a seus prazeres apenas para disciplinar os poderes do corpo, de modo a se inclinar um pouco para um lado (da maneira como explicamos neste capítulo que um homem deve fazer), isso é um erro da parte deles, como explicaremos. A lei proíbe o que proíbe e comanda o que comanda apenas para que nos afastemos de um lado como meio de disciplina. Deus, portanto, ordenou o seguinte sobre nós: a proibição de todos os alimentos proibidos, a proibição de relações sexuais proibidas, a proibição da *prostituta*, a exigência de um contrato de casamento e noivado, e mesmo assim [relações sexuais] nem sempre são permitidas, mas são proibidas durante os períodos de menstruação e nascimento, e a maior limitação sobre a relação sexual instituída por nossos anciãos que a proibiram durante o dia, como explicamos no *Sanhedrin*. O propósito de tudo isso é que nos afastemos muito do extremo da luxúria e sigamos um pouco da média em direção à insensibilidade ao prazer, para que o estado de moderação seja firmemente estabelecido em nossas almas.

O mesmo se aplica a tudo o que ocorre na Lei no que diz respeito ao pagamento dos dízimos (Dt 14,22-29; 26,12-13), quanto à feitura da colheita (Lv 19,9; 23,22), os feixes esquecidos (Dt 24,19), os grãos caídos no campo (Lv 19,9; 23,22), as uvas caídas (Lv 19,10), as vindimas da vinha (Lv 19,10), o decreto dos *anos sabáticos* (Dt 15,1-2) e do *ano jubilar* (Lv 25,8-55), e caridade suficiente para suprir a carência dos necessitados. Isso se aproxima da prodigalidade, de modo que nos afastamos muito do extremo da mesquinhez e nos aproximamos do extremo da prodigalidade, com o propósito de estabelecer firmemente a generosidade dentro de nós.

Se você considerar a maioria dos mandamentos dessa maneira, descobrirá que todos eles disciplinam as faculdades da alma. Por exemplo, eles eliminam a revanche e a vingança dizendo: *Você não deve se vingar nem guardar rancor* (Lv 19,18), *você certamente irá relevar isso* (Ex 23,5), *e você certamente ajudará a levantá-los etc.* (Dt 22,4); estes visam enfraquecer o poder de raiva e da irascibilidade. Da mesma forma, *você certamente irá recuperá-lo* (Dt 22,1) e isso visa remover o estado de avareza. Da mesma forma, o seguinte visa remover o estado de imprudência e instilar o da modéstia: *Você se levantará perante os mais velhos e honrará o homem idoso* (Lv 19,32), *honre seu pai* (Ex 20,12), *e você não irá se separar do que eles lhe disserem* (Dt 17,11). Além disso, Ele também move [a nós] para longe do outro extremo, isto é, da timidez, pois para que a timidez seja eliminada e permaneçamos no caminho do meio, ele disse: *Você certamente irá repreender o seu próximo e não suportar o pecado por causa dele* (Lv 19,17) *e você não deve temer o rosto de qualquer homem* (Dt 1,17).

Somente um indivíduo manifestamente ignorante viria e desejaria acrescentar algo a essas coisas e, por exemplo, proibir de comer e beber, além da proibição estipulada sobre comida; e proibir o casamento, além do que é proibido em relação a relações sexuais; e doar todo o seu dinheiro para os pobres – ou para a *propriedade do Templo*, além do que a Lei diz sobre *caridade, valorações de propriedades* e do *Templo*. Suas ações são ruins e ele não sabe que em todo modo ele vai até um extremo, deixando completamente a mediania. Os sábios

têm uma declaração sobre esse assunto no *Talmude de Jerusalém*, no nono [tratado] de *Nedarim*, e nada mais maravilhoso do que o que aquilo que me alcançou. Eles censuram aqueles que se tornam como prisioneiros impondo juramentos e *promessas* a si mesmos, e eles literalmente dizem lá: *Rav Aidi* [disse] em nome do rabino Isaac: É que a Torá proibiu para você *de modo insuficiente, que você proíbe outras coisas para si mesmo?* Este é precisamente o significado que apresentamos, nem mais nem menos. Assim, ficou claro para você, de tudo o que discutimos neste capítulo, que é necessário visar a mediania nas ações e não afastá-las em direção a um dos dois extremos, exceto com vistas ao tratamento médico e opondo algo ao seu contrário.

Quando o homem conhecedor da arte da medicina vê seu temperamento mudar mesmo que de leve, ele não desconsidera a doença e nem a deixa tomar posse dele, de modo que ele precisaria, depois, de um remédio extremamente forte. Quando sabe que um de seus órgãos é fraco, ele cuida dele continuamente, evita coisas que lhe são prejudiciais, e busca o que seja útil para que esse órgão se torne saudável ou não se torne mais fraco. Da mesma forma, o homem perfeito precisa inspecionar continuamente seus hábitos morais, pesar suas ações e refletir sobre o estado de sua alma todos os dias. Sempre que ele vê sua alma se inclinando para um dos extremos, deve apressar-se em curá-la e não deixar que o estado perverso se estabeleça pela repetição de uma má ação – como já mencionamos. Assim, como dissemos acima, ele deve cuidar do hábito moral defeituoso em si mesmo e continuamente procurar curá-lo, pois um homem inevitavelmente tem defeitos. De fato, os filósofos disseram que é muito difícil encontrar alguém disposto por natureza a todas as virtudes morais e racionais. Isso também foi dito frequentemente nos livros dos profetas. Ele disse: *Eis que Ele não confia nos Seus servos etc.* (Jó 4,18). *E como pode alguém nascido de mulher ser justo?* (Jó 25,4) Salomão disse de modo absoluto: *Não há homem que seja justo sobre a terra, que faça somente o bem e não peque* (Ecl 7,20).

Sabes que Deus, que Ele seja exaltado, disse ao mestre do primeiro e do último homem, *Moisés, nosso mestre*, a paz esteja com ele: *Porque*

you did not believe in Me to sanctify me (Nm 20,12), because you rebelled against my word (Nm 20,24), because you did not sanctify me (Dt 32,51). Seu pecado em tudo isso, a paz esteja com ele, foi ele ter se inclinado em direção a um dos dois extremos, afastando-se de uma das virtudes morais – isto é, a gentileza – quando ele se inclinou para a irascibilidade e disse: *agora vocês rebeldes* (Nm 20,10). Deus desaprovou que um homem como ele se tornasse irascível na presença da comunidade de Israel, visto que a irascibilidade não era apropriada. Para este indivíduo, algo assim era uma profanação do nome, porque eles imitariam cada movimento e fala dele e desejariam alcançar a felicidade deste mundo e do outro [mundo] desse modo. Como poderia irascibilidade, que (como explicamos) está entre as más ações, derivar dele e não se originar de um dos estados malignos da alma?

Agora explicaremos o significado de sua palavra: *Você se rebelou contra a minha palavra* (Nm 20,24). Ele [Moisés] não estava se dirigindo ao vulgo nem a homens sem virtude, mas a pessoas das quais a menos significativa era como Ezequiel ben Buzi, como mencionaram os sábios. Eles refletiriam sobre tudo o que ele diria ou faria. Assim, quando ao virem-no irado, eles [com efeito] disseram: “A paz esteja com ele, não tem vícios morais, e se não fosse isso, ele saber que Deus estava zangado conosco por nossa busca por água e por exasperá-lo”, que Ele seja exaltado, “não teria ficado irado”. Não achamos que Deus, que ele seja exaltado, tenha ficado irado ou zangado quando falou com [Moisés] sobre esse assunto. Antes, Ele disse a ele: *Pegue a vara... e você deve dar de beber à comunidade e a seu gado* (Nm 20,8). Partimos do propósito da seção, mas resolvemos uma das dificuldades da Torá. Muitas vezes se fala e muitas pessoas perguntam: “Que pecado ele cometeu?” Examine o que dissemos e o que os outros disseram sobre isso, e a verdade nos guiará.

Eu volto ao meu propósito. Se um homem sopesa continuamente suas ações e aponta para a mediania, ele está no mais alto nível humano. Dessa forma, ele se aproximará de Deus e alcançará o que lhe pertence. Este é o mais perfeito dos modos de adoração. Os sábios, que sua memória seja abençoada, referiram-se a essa meta, comentaram-na e disseram:

Todo aquele que avalia seus caminhos merece e vê a salvação do Santo, bendito seja Ele. Como se diz: “E àquele que define o seu caminho corretamente mostrarei a salvação de Deus”. Não leia wesam derekh, mas wesham derekh. Shumah significa “aferir” e “avaliar”, e este é precisamente o significado que explicamos em todo este capítulo. Essa é a extensão do que consideramos necessário em relação a esse assunto.

CAPÍTULO V – DIRECIONANDO OS PODERES DA ALMA PARA UM ÚNICO OBJETIVO

O homem precisa subordinar todos os poderes de sua alma ao pensamento, da maneira que estabelecemos no capítulo anterior, e fixar sua visão em um único objetivo: a percepção de Deus (que Ele seja glorificado e magnificado), quero dizer, o Seu conhecimento, na medida em que isso está dentro do poder do homem. Ele deveria dirigir todas as suas ações, tanto quando está em movimento quanto em repouso, e toda as suas conversações em direção a esse objetivo de modo que nenhuma de suas ações seja de alguma forma frívola, quero dizer, uma ação que não leva a esse objetivo. Por exemplo, quando come, bebe, dorme, tem relações sexuais, está acordado e está em movimento ou em repouso ele deve mirar apenas a saúde de seu corpo. O propósito da saúde de seu corpo é que a alma encontre seus instrumentos saudáveis e sadios para poder ser direcionada para as ciências e para adquirir as virtudes morais e racionais, de modo que possa chegar a esse objetivo.

Consequentemente, o homem não dirigirá sua atenção meramente para obter prazer físico, escolhendo como comida e bebida e as outras coisas da vida somente o agradável, mas ele procurará o mais útil, sendo indiferente se for agradável ou não. Há, de fato, momentos em que o agradável pode ser usado de um ponto de vista curativo, como, por exemplo, quando alguém sofre de perda de apetite, pode ser estimulado por iguarias altamente temperadas e comida agradável e saborosa. Da mesma forma, aquele que sofre de melancolia pode se livrar dela ouvindo canto e todo tipo de música instrumental, passeando por

belos jardins e prédios esplêndidos, contemplando belas imagens e outras coisas que estimulem a mente e dissipem os humores sombrios da bile. O objetivo de tudo isso é restaurar a condição saudável do corpo, mas o objetivo real de manter o corpo em boa saúde é adquirir sabedoria. Da mesma forma, na busca da riqueza, o principal projeto em sua aquisição deve ser gastá-la para fins nobres e empregá-lo para a manutenção do corpo e a preservação da vida, para que seu proprietário possa obter um conhecimento de Deus, na medida em que isso é concedido ao homem.

Deste ponto de vista, o estudo da medicina tem uma influência muito grande sobre a aquisição das virtudes e do conhecimento de Deus, bem como sobre a obtenção da verdadeira felicidade espiritual. Portanto, seu estudo e aquisição são atividades religiosas de importância proeminente, e não devem ser classificados na mesma classe que a arte da tecelagem, ou a ciência da arquitetura, pois por ela se aprende a sopesar os atos e, assim, as atividades humanas se tornam em verdadeiras virtudes.

Pois se um homem se propõe a comer alimentos apetitosos que são agradáveis ao paladar e que têm um odor agradável, mas são prejudiciais e podem ser a causa de doenças graves ou eventualmente de destruição, então este homem é igual às feras selvagens. Essa não é a ação de um homem, enquanto homem. De fato, é a ação de um homem na medida em que ele é um animal: *Ele é como as bestas que perecem* (Sl 49,13.21). Uma ação humana [requer] que se tome somente o que é mais útil: às vezes deixa o mais agradável de lado e come o que é mais repugnante, com vistas a procurar o que é mais útil. Esta é uma ação baseada no pensamento e distingue o homem, em suas ações, do que é diferente dele. Da mesma forma, se ele tiver relações sexuais sempre que desejar, sem prestar atenção ao que é prejudicial ou útil, então estará realizando essa ação enquanto é animal, não enquanto é um homem.

Ora, toda a sua conduta pode ser com vistas ao que é mais útil, como já mencionamos, mas se ele tem como seu objetivo apenas a saúde de seu corpo e o fato de estar livre da doença, então ele não

será virtuoso. Pois, enquanto tal homem prefere o prazer da saúde, outro prefere o prazer de comer ou a relação sexual, e nenhum deles tem um objetivo verdadeiro para suas ações. O objetivo apropriado para toda a conduta de alguém é a saúde do corpo e prolongar sua existência de uma maneira sadia para que os instrumentos dos poderes da alma – que são os órgãos do corpo – permaneçam sadios. Então a alma pode ser direcionada para as virtudes morais e racionais sem qualquer obstáculo.

Não há como questionar sobre [o valor de] tudo o que ele aprende das ciências e dos estudos, na medida em que eles fornecem uma maneira de atingir esse objetivo. Assuntos não úteis para atingir esse objetivo – como questões de álgebra, o Livro dos Cones, mecânica, a maioria das questões de engenharia e pesos em movimento, e muitas dessas questões – visam aguçar a mente e treinar o poder racional no método de demonstração, de modo que o homem adquira a habilidade de distinguir um silogismo demonstrativo de um que não é. Ele então possui esse método para obter conhecimento da verdadeira realidade de Sua existência, que Ele seja exaltado.

Da mesma forma, em todas as suas conversas, um homem deve falar apenas sobre o que é útil para sua alma ou sobre o que evita os danos de sua alma ou corpo, ou sobre conhecimento ou virtude, ou para louvar a virtude ou um homem virtuoso, ou para censurar o vício ou um homem tomado pelo vício. Se o propósito de difamar homens defeituosos e denunciar seus atos é menosprezá-los diante do povo, para que eles sejam advertidos e não mais pratiquem suas ações, então é algo necessário e se constitui em virtude. Não viste a sua declaração, que Ele seja exaltado: *Como os feitos da terra do Egito, onde habitaste [não farás] e como as obras da terra de Canaã* (Lv 18,3), e assim também como ocorre na descrição dos sodomitas. Na Bíblia, sempre que indivíduos corruptos e defeituosos são censurados e seus atos denunciados, e toda vez que homens bons são louvados e glorificados (como eu mencionei para você), o propósito é que as pessoas sigam o caminho do último e evitem o caminho do primeiro mencionado.

Se um homem definir essa noção [ou seja, conhecimento de Deus] como seu objetivo, ele interromperá muitas de suas ações e diminuirá muito sua conversação. Alguém que adere a este objetivo não será movido a decorar paredes com ouro ou colocar uma borda de ouro em sua roupa, a menos que pretenda desse modo deleitar sua alma por causa de sua saúde e expulsar a doença dela, para que seja clara e pura para receber as ciências. Assim, eles disseram: *Uma habitação atraente, uma esposa atraente, utensílios atraentes e uma cama preparada para os discípulos dos sábios dão prazer à mente de um homem*, pois a alma se torna cansada e a mente fica embotada pela reflexão contínua sobre questões difíceis, assim como o corpo se exaure de empreender algumas ocupações até que ele relaxe e repouse e então retorne ao equilíbrio. De uma maneira semelhante, a alma precisa descansar e fazer o que relaxa os sentidos, como observar belas decorações e objetos, para que o cansaço seja removido dela. Como eles disseram: *Quando nossos mestres se cansaram do estudo...* Agora é duvidoso que decorar e adornar edificações, vasos e roupas, quando feito para este propósito, sejam ruins ou fúteis.

Saiba que esse nível é muito alto e é difícil de alcançar. Apenas alguns percebem isso e somente depois de uma longa disciplina. Então, se acontecer de existir um homem nesta condição, eu não diria que ele é inferior aos profetas. Eu me refiro a um homem que dirige todos os poderes de sua alma unicamente para Deus, que Ele seja exaltado; quem não executa uma ação importante ou trivial nem profere qualquer palavra, a menos que essa ação ou essa palavra leve à virtude ou a algo que leve à virtude; e quem reflete e delibera sobre cada ação e movimento, vê se leva a esse objetivo ou não, e então o faz. É o que o Exaltado requer que façamos como nosso propósito ao dizer: *Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma* (Dt 6,5). Quer dizer, estabeleça o mesmo objetivo para todas as partes de sua alma, a saber, *amar o Senhor seu Deus*. Os profetas, que a paz esteja com eles, também insistiram nesse propósito. Ele [Salomão] disse: *Conheça-o em todos os seus caminhos* (Pr 3,6). Os sábios explicaram isso e disseram: Mesmo com uma transgressão;

isto é, você deve fazer do seu objetivo a verdade ao fazer tal coisa, mesmo que de um certo ponto de vista você cometa uma transgressão. Os sábios, que a paz esteja com eles, resumiram toda essa noção nas palavras mais breves possíveis e englobaram o significado com a máxima perfeição, de modo que se você considerasse a brevidade dessas palavras – como elas expressam a grandeza e a magnificência dessa noção em suas palavras, em sua totalidade, sobre o que tantas obras foram compostas, sem ser capaz de compreendê-lo – então você saberia que foi, sem dúvida, falado pelo poder divino. Isto é o que eles dizem em um de seus comandos neste *tratado*: Faça com que todos os seus atos sejam por e para o céu. Essa é a noção que explicamos neste capítulo e é o que achamos necessário ser mencionado aqui, de acordo com essas observações introdutórias.

CAPÍTULO VI – SOBRE A DIFERENÇA ENTRE O HOMEM VIRTUOSO E O HOMEM CONTINENTE

Os filósofos disseram que, embora o homem continente realize ações virtuosas, ele faz coisas boas enquanto almeja e deseja firmemente executar ações ruins. Ele luta contra seu desejo e se opõe por sua ação ao que seu poder [apetitivo], seu desejo e o estado de sua alma o estimulam a fazer; ele faz coisas boas enquanto está preocupado em fazê-las. O homem virtuoso, no entanto, segue em sua ação o que seu desejo e o estado de sua alma o estimulam a fazer, e ele faz coisas boas enquanto anseia e deseja-as fortemente. Existe concordância entre os filósofos de que o homem virtuoso é melhor e mais perfeito que o homem continente. No entanto, afirmam que o homem continente pode tomar o lugar do homem virtuoso na maioria das coisas, mesmo que ele esteja necessariamente mais baixo no grau de perfeição devido ao seu desejo de fazer algo ruim. Mesmo que ele não faça isso, seu forte desejo por isso é um estado ruim de sua alma.

Salomão havia dito algo assim. Ele disse: *A alma dos maus deseja o mal* (Pr 21,10). Ele falou sobre a alegria dos virtuosos em fazer coisas boas e a dor dos não virtuosos em fazê-las. Isto é o que ele diz: *Uma*

alegria para os justos é fazer justiça, mas para os malfeitores causa desânimo (Pr 21,14). Isso é o que aparece no discurso da Lei, de acordo com o que os filósofos disseram.

Quando investigamos o discurso dos sábios sobre este assunto, descobrimos que, de acordo com eles, alguém que anseia e fortemente deseja as transgressões é mais virtuoso e perfeito do que alguém que não anseia por elas e não sofre nenhuma dor em abster-se delas. Eles até disseram que quanto mais virtuoso e perfeito for um indivíduo, tanto mais forte é o anseio por transgressões, e maior a sua dor em se abster deles. Eles relataram histórias nesse sentido e também disseram: *qualquer um que seja maior que seu amigo tem um impulso [do mal] maior do que ele*.

Como se isso não bastasse, eles disseram que a recompensa do homem continente é proporcional à sua dor em se conter. Eles disseram: *A recompensa é de acordo com a aflição*. Ainda mais significativo é o seu comando para que o homem seja continente e sua proibição de que esse afirme: “Por natureza, eu não anelaria cometer essas transgressões, mesmo que não fosse proibidas por Lei”. Isto é o que eles dizem: *Rabban Shimon ben Gamliel disse*: “Não permita que os homens digam ‘Eu não quero comer carne com leite, eu não quero usar tecido forrado, eu não quero ter relações sexuais ilícitas’ mas [deixe-o dizer] ‘Eu quero, mas o que eu posso fazer – meu Pai do céu o proibiu’”.

Se o significado externo dos dois relatos [isto é, dos filósofos e dos sábios judeus] é compreendido superficialmente, as duas visões se contradizem. No entanto, esse não é o caso; em vez disso, os dois são verdadeiros e não há nenhum conflito entre eles. Pois as coisas ruins a que os filósofos se referiam quando diziam que alguém que não as deseja é mais virtuoso do que alguém que as deseja e se abstém a si mesmo – essas são as coisas geralmente aceitas como ruins por todas as pessoas, como assassinato, roubo, latrocínio, fraude, prejudicar um homem inocente, retribuir um benfeitor com maldades, desagradar os pais e coisas do gênero. Essas são as leis sobre as quais os sábios, a paz esteja com elas, disseram: *Se não estivessem escritas, mereceriam*

ser escritas. Alguns de nossos homens sábios modernos que sofrem da doença dos teólogos dialéticos chamam-nas de racionais. Não há dúvida de que a alma que almeja e deseja fortemente alguma delas é defeituosa e que a alma virtuosa não anseia por nenhuma dessas coisas ruins, nem se aflige pela proibição contra elas.

Quando os *sábios* disseram que o homem continente é mais virtuoso e sua recompensa é maior, eles tinham em mente as leis tradicionais. Isso está correto porque, se não fosse pela Lei, de modo algum eles seriam maus. Portanto, eles disseram que um homem precisa deixar que sua alma seja atraída para isso e não colocar nenhum obstáculo à sua frente além da Lei. Considere a sabedoria deles, que a paz esteja com eles, e os exemplos que eles usaram. Porque [Rabban Shimon ben Gamliel] não disse: *Não permita ao homem dizer*: “Eu não quero matar, eu não quero roubar, eu não quero mentir; antes eu quero, sim – mas o que posso fazer?” Ao contrário, ele mencionou apenas assuntos tradicionais: *carne com leite, tecidos forrados e uniões sexuais ilícitas*. Essas leis e similares são o que Deus chama de *meus estatutos*. Eles disseram: *Estatutos que prescrevi para você; você não tem permissão para investigar. As nações do mundo argumentam contra eles e Satanás os critica, tais como a novilha vermelha e o bode expiatório etc.* Aqueles chamados de *racionais* pelos modernos são chamados de mandamentos na explicação dos sábios.

Assim, de tudo o que dissemos, tornou-se claro quais são as transgressões pelas quais, se um homem não tem desejo, ele é mais virtuoso do que alguém que as deseja, mas se abstém, e quais [transgressões] são o oposto. Essa é uma sutileza maravilhosa e uma maravilhosa reconciliação das duas visões. Os textos que suportam ambas as visões indicam que o que explicamos está correto. O objetivo deste capítulo foi concluído.

CAPÍTULO VII – SOBRE OS VÉUS E SEU SIGNIFICADO

No Midrash e no Haggadah, assim como no Talmude, encontramos muitas passagens que afirmam que alguns dos profetas viram Deus

por detrás de muitos véus, enquanto outros o viram por trás de alguns véus, dependendo de sua proximidade com Deus e seu nível de profecia. Eles [os sábios] disseram que Moisés, nosso mestre, viu Deus por trás de um véu diáfano, quero dizer, transparente. Isto é o que eles disseram: *Ele olhou através de uma sefaqlaria de vidro transparente. Sefaqlaria é o nome de um vidro feito de corpo transparente, como berilo ou vidro, como explicaremos no final do [tratado] Kelim. Agora vou dizer o que significa essa noção.*

No segundo capítulo, explicamos que algumas virtudes são racionais e outras são morais. Da mesma forma, alguns vícios são racionais, como ignorância, estupidez e compreensão lenta; e alguns são morais, como luxúria, arrogância, irascibilidade, raiva, imprudência, amor ao dinheiro e coisas semelhantes – esses vícios morais são muito numerosos. No quarto capítulo, damos a regra para reconhecê-los. Todos esses vícios são véus que separam de Deus, que Ele seja exaltado. Para explicar isso, o profeta disse: *Somente seus pecados o separaram de seu Deus* (Is 59,2). Ele diz que nossos pecados, que (como já mencionamos,) são essas coisas más, são véus que nos separam do Exaltado.

Saiba que nenhum profeta profetiza até que ele adquira todas as virtudes racionais e a maioria das virtudes morais, ou seja, as mais importantes. Este é o seu ditado: *a profecia só repousa sobre um homem sábio, poderoso e rico. Sábio*, sem dúvida, inclui todas as virtudes racionais. *Rico* se refere a uma das virtudes morais, quero dizer, contentamento, pois eles chamam o homem satisfeito de *rico*. Isto é o que dizem na definição do *homem rico*: *quem é rico? Aquele que se alegra com a sua sorte*. Isto é, ele está contente com o que o tempo lhe traz, e não se aflige com o que não lhe traz. Da mesma forma, o *homem poderoso* se refere a uma das virtudes morais, quero dizer que ele governa seus poderes como dita o pensamento – como explicamos no quinto capítulo. Este é o seu ditado: *quem é um homem poderoso? Aquele que conquista seu impulso*.

Possuir as virtudes morais em sua totalidade, na medida em que não seja prejudicado por qualquer vício, não é uma das condições

da profecia. Salomão foi um profeta de acordo com o testemunho das Escrituras: *Em Gibeão, o Senhor apareceu etc.* (1Rs 3,5). Ainda assim, descobrimos que ele tinha um vício moral, a saber, a luxúria manifesta. Isso pode ser visto pelo número de esposas que ele tomou, o que é uma ação decorrente do estado de luxúria. Ele claramente diz: Salomão não pecou por essas coisas etc. (Ne 13,26) Da mesma forma, Davi, que a paz esteja com ele, foi um profeta. Ele disse: A rocha de Israel falou comigo. No entanto, descobrimos que ele era cruel, apesar de ter dirigido isso [sua crueldade] contra os gentios e de matar os infieis, enquanto era compassivo com Israel. Ainda assim, é explicado nas *Crônicas* que, devido ao fato de ele estar frequentemente matando inimigos, Deus não o achou apto para construir o *Templo* e lhe disse: *Você não deve construir uma casa ao Meu nome, porque você derramou muito sangue etc.* (1Cr 22,8). Descobrimos que Elias, que sua memória seja abençoada, tinha o hábito moral da irascibilidade, mesmo que ele a dirigisse contra os hereges e se irasse com eles. E ainda, os sábios, que sua memória seja abençoada, explicaram que Deus o removeu [do mundo] e disse a ele: “Alguém com tanto zelo quanto você não é adequado para o povo, pois o destruiria”. Da mesma forma, descobrimos que Samuel tinha medo de Saul e que Jacó estava com medo de encontrar Esaú (1Sm 16,2; Gn 32,8).

Esses hábitos morais e outros como eles são os véus dos profetas, que a paz esteja com eles. Assim, quem quer que tenha dois ou três hábitos morais que não estejam na mediania, como explicamos no quarto capítulo, se diz que este vê Deus por trás de dois ou três véus. Não deixe de saber que a deficiência inerente a alguns hábitos morais diminui o grau de profecia. Descobrimos que alguns vícios morais, como a irascibilidade, impedem inteiramente a profecia. Eles disseram: *Se alguém que costuma irar-se for um profeta, sua profecia se afasta dele.* Eles inferem isso de Eliseu, pois quando ele ficava irado, a revelação cessava até passar sua irascibilidade. É o que ele disse: *E agora me traga um músico* (2Rs 3,15). O mesmo vale para a ansiedade e o pesar, pois o *Espírito Santo* foi removido de nosso pai Jacó durante todos os dias de sua tristeza por causa de José, até que chegou a notícia de

que ele estava vivo. Ela [a Escritura] diz: *E o espírito de Jacó, seu pai, foi ressuscitado* (Gn 45,27). No *Targum*, que explica as intenções transmitidas por nosso mestre Moisés, se diz: *O espírito santo veio e repousou sobre Jacó, seu pai*. Temos também o texto dos sábios: *A profecia não repousa na indolência nem na tristeza, mas em algo alegre*.

Quando nosso mestre Moisés sabia que não restavam véus que ele não tivesse perfurado e que todas as virtudes morais e todas as virtudes racionais haviam se aperfeiçoado nele, procurou perceber a verdadeira realidade da existência de Deus, uma vez que nenhum obstáculo restava. Então ele disse: *Deixe-me ver a Sua glória* (Ex 33,18). Mas Deus, que Ele seja exaltado, informou-o de que isso não era possível, uma vez que ele era um intelecto existente na matéria, quer dizer, visto que ele era um ser humano. Isto é o que Ele disse: *Pois nenhum homem poderá me ver e continuar vivo* (Ex 33,20). Entre ele e a percepção da verdadeira realidade da existência de Deus restava apenas um véu transparente, a saber, o intelecto humano não separado. Deus o favoreceu e, após o seu pedido, concedeu-lhe mais percepção do que tinha antes. Deus o informou que seu pedido não era possível de ser atendido, visto que ele tinha um corpo.

A verdadeira percepção vem referida como *ver um rosto*, pois se um homem vê o rosto de seu companheiro, alcança uma imagem em sua alma que ele não confundirá com outro. No entanto, se ele vir as costas [de seu companheiro], mesmo que não o perca de vista, pode ficar em dúvida e confundi-lo com outro. Similarmente, perceber o Exaltado em verdade é alcançar na alma de alguém, em relação à veracidade de Sua existência, o que nenhum dos outros seres compartilha com essa existência, de modo que se pode descobrir Sua existência firmemente estabelecida em sua alma e bem distinta da existência dos outros seres encontrados em sua alma. A percepção humana não pode alcançar este nível de percepção, mas [Moisés], a paz esteja com ele, percebia um pouco aquém disso. É o que vem referido [no verso]: *E você verá minhas costas* (Ex 33,23). Vou abordar esse assunto em detalhes no Livro da Profecia.

Quando os sábios (a paz esteja com eles) aprenderam que esses dois tipos de vícios, quero dizer, o racional e o moral, formam um véu

entre o homem e Deus, e que por eles os graus dos profetas podem ser distinguidos, então, com base no que haviam, observado de seus conhecimentos e hábitos morais, disseram sobre alguns [discípulos]: *Eles são dignos da Presença que repousa sobre eles, como ela está também sobre Moisés, nosso mestre.* Guarde bem o significado dessa comparação, pois compara esses outros a [Moisés], mas não os considera iguais a ele, Deus me livre. Da mesma forma, eles falaram comparando outros com Josué, da maneira que indicamos. Este é o significado que pretendíamos explicar neste capítulo.

CAPÍTULO VIII – SOBRE A DISPOSIÇÃO INATA DO HOMEM

Não é possível para um homem possuir virtude ou vício, por natureza, desde o começo de sua vida, assim como não é possível para um homem possuir uma das artes práticas por natureza. Ainda assim, é possível estar naturalmente disposto a uma virtude ou um vício, de modo que seja mais fácil realizar as ações que estão de acordo com uma [virtude particular] ou um [vício em particular]. Por exemplo, se seu temperamento é mais inclinado à secura e a substância de seu cérebro é pura e tem pouca umidade, a memorização e compreensão de significados são mais fáceis para ele do que para um indivíduo fleumático que tem muita umidade em seu cérebro. No entanto, se o indivíduo, por temperamento disposto a essa virtude, é deixado sem qualquer instrução e nenhum de seus poderes recebe direcionamento, ele permanecerá, sem dúvida, ignorante. Similarmente, se um idiota natural com muita umidade [em seu cérebro] é instruído e força seu aprendizado, então ele alcançará conhecimento e entendimento, mas com dificuldade e trabalho árduo. Da mesma maneira, um indivíduo cujo coração tenha um temperamento um pouco mais quente que o necessário se tornará corajoso. Quero dizer, ele está disposto à coragem; e se for treinado na coragem, ele facilmente se tornará corajoso. Outro, cujo coração tem um temperamento mais frio do que o necessário, está disposto à covardia e ao medo, de modo que se for educado e habituado de acordo, ele facilmente adquire [esses traços]. Se ele é direcionado para a coragem, ele pode, com algum trabalho

duro, tornar-se corajoso, mas ele, sem dúvida, se tornará tal se estiver habituado a isso.

Expliquei isso a você, assim não pensará que aqueles delírios sem sentido inventados pelos astrólogos são verdadeiros. Eles chegam ao ponto de afirmar que o tempo de nascimento de um indivíduo determina se ele possui virtude ou vício, e que ele é necessariamente compelido a realizar certas ações. Você, no entanto, deve saber que a nossa lei e filosofia grega concordam que todas as ações do homem estão sob sua responsabilidade, tudo já demonstrado por provas verdadeiras. Nele não inside qualquer compulsão, nem existe qualquer causa externa que o faça se inclinar em direção a uma virtude ou a um vício, exceto pelo fato de ele ser disposto a tal por temperamento, de modo que algo se lhe torne fácil ou difícil – como explicamos. Não há como ele ser forçado ou impedido.

Se as ações do homem fossem feitas sob compulsão, os mandamentos e proibições da Lei seriam anulados e todos eles seriam absolutamente vãos, uma vez que o homem não teria escolha naquilo que faz. Da mesma forma, instrução e educação, incluindo instrução em todas as artes produtivas, seriam necessariamente vãos e seriam todas fúteis. Pois de acordo com a doutrina daqueles que sustentam a opinião acima, existe inevitável e necessariamente uma causa externa que faz o homem realizar uma certa ação, aprender determinada ciência e adquirir certo hábito moral. Recompensa e punição também seriam pura injustiça, e não seriam atribuídas por alguns de nós aos outros nem por Deus a nós. Pois, se Simão, o assino de Rúben, fosse inevitavelmente obrigado a matar, e o último inevitavelmente teria que ser morto, por que deveríamos punir Simão? E como é que o Exaltado, Ele que é justo e correto (Dt 32,4), permite que ele seja punido por um ato que fez inevitavelmente e que, se mesmo desejando não fazer, não teria sido capaz de evitar? Todas as precauções, até a mais simples, também seriam inúteis, como aquelas relativas à construção de casas, à busca de comida, à fuga do medo e assim por diante, uma vez que o que fora predeterminado haveria de acontecer inevitavelmente. Tudo isso é totalmente absurdo e falso, ao contrário do que é entendido pelo

intelecto e percebido pelos sentidos, destruindo toda fundamentação da Lei; é um julgamento de Deus, o Exaltado, como sendo injusto – que Ele seja exaltado acima disso.

A verdade sobre a qual não há dúvidas é que todas as ações do homem estão sob sua responsabilidade. Se deseja agir, ele o faz e, se não deseja agir, não o faz; não há qualquer compulsão sobre ele. Portanto, segue-se necessariamente que ele tem o comando. Ele disse: *veja, eu pus diante de você a vida e o bem, a morte e o mal... escolha a vida* (Dt 30,15.19). Ele nos deu escolha ali. Segue-se necessariamente que a desobediência é punida e a obediência é recompensada. *Se você obedecer... e se você não obedecer* (Dt 11,27-28). Segue-se necessariamente que pode haver instrução e aprendizado, bem como tudo o que envolve instrução e habituação às leis. *E você deve ensinar isso a seus filhos etc.* (Dt 11,19). *Deve aprender e observar essas instruções a fim de praticá-las* (Dt 5,1). Todas as precauções estipuladas no Livro da Verdade são necessariamente do mesmo tipo. *E você deve fazer um parapeito para o seu telhado... se alguém cair* (Dt 22,8); para que não morra na batalha (Dt 20,5-7); Em que poderá dormir? (Ex 22,6) Ele não tomará o moinho e a mó superior como penhor (Dt 24,6). Na Torá e nos livros proféticos, encontramos muitas passagens sobre esse assunto, quero dizer, sobre a precaução.

A afirmação dos sábios dizendo: *Tudo está nas mãos do Céu, exceto o temor do Céu*, está correta e é semelhante ao que discutimos. No entanto, muitas vezes as pessoas erram e pensam que um homem é compelido a realizar algumas ações que são de fato voluntárias; por exemplo, casar com uma certa mulher ou apoderar-se ilegalmente de uma quantia de dinheiro. Isso é incorreto porque se alguém toma uma mulher através de um contrato de casamento e por um noivado e ela lhe é entregue e ele se casa com ela, para ser fecunda e dar-lhe filhos, então isso corresponde ao cumprimento de um mandato; Deus não preordena a execução de um mandamento. Se houvesse alguma maldade em se casar com ela, seria uma *transgressão*; Deus não prediz uma *transgressão*. O mesmo se aplica a um homem que rouba o dinheiro de alguém, o assalta ou o engana, negando e jurando que

não pegou seu dinheiro. Se tivesse predito que esse dinheiro iria da posse do último para o primeiro, Deus teria predeterminado uma transgressão. Mas isso não é verdadeiro. Pelo contrário, a obediência e a desobediência [da Lei] podem, sem dúvida, ser encontradas no decorrer das ações voluntárias do homem. Já explicamos no segundo capítulo que os mandamentos e as proibições da Lei dizem respeito a ações que o homem pode escolher fazer ou não fazer. *O medo do céu não está nas mãos do céu*, mas nesta parte [apetitiva] da alma. De fato, está sob a responsabilidade do homem, como explicamos. Assim, ao dizer que *tudo* [está nas mãos do céu], eles [os sábios] querem referir as coisas naturais sobre as quais o homem não tem escolha, como ser alto ou baixo, ou chover ou fazer seca, ou o ar ser pútrido ou saudável – e assim também com respeito a tudo no mundo, exceto pelo movimento e o repouso do homem.

Quando explicaram que a obediência e a desobediência não acontecem pelo poder do Exaltado nem por Sua vontade, mas pela vontade do indivíduo, os sábios seguiram o texto de Jeremias. Isto é, o que ele diz: “*Da boca do Príncipe exaltado não provém o mal (ra’ot) nem o bem (tov)*” (Lm 3,38). *Ra’ot* são coisas ruins e *tov* coisas boas. Assim, ele diz que Deus não predestina o homem a fazer coisas ruins ou boas. Se for esse o caso, é bom que o homem fique triste e lamente sobre os pecados e os ultrajes que cometeu, pois fez o que foi errado por sua própria escolha. Ele [Jeremias] disse: Por que um homem vivo se lamenta, um homem forte por causa de seus pecados? (Lm 3,39). Então ele reconsiderou e disse que o tratamento médico para essa doença está em nossas mãos, porque assim como fizemos as escolhas erradas por nossa decisão, também cabe a nós nos arrepender e nos afastar de nossas más ações. Então ele disse: *Vamos procurar e examinar nossos caminhos e retornar ao Senhor. Elevemos nossos corações com nossas mãos a Deus no céu* (Lm 3,40-41).

O relato geralmente aceito entre as pessoas, cujos exemplos podem ser encontrados no discurso dos sábios e nos textos dos livros, é de certo modo correto: o homem de pé, sentado e todos os seus movimentos derivam da volição de Deus, que Ele seja exaltado, e da Sua vontade.

Vamos supor, por exemplo, que alguém jogue uma pedra no ar e ela caia. Se dissermos que caiu pela vontade de Deus, este é um relato correto porque Deus queria que toda a terra estivesse no centro. Portanto, sempre que um pedaço [da terra] é lançado, ele se move em direção ao centro; Da mesma forma, cada partícula de fogo se move para cima, pela volição que se deu no passado, fazendo com que o fogo se movesse para cima. Não é o caso agora, quando este pedaço da terra está em movimento, pois Deus quer que ele desça.

Os teólogos dialéticos discordam disso. Eu os ouvi dizer que a vontade em relação a cada coisa acontece um momento após o outro, continuamente. Não acreditamos nisso; antes, a volição ocorreu durante os seis dias da Criação, e [desde então] todas as coisas agem continuamente de acordo com suas naturezas. Como [Salomão] disse: *O que foi é o que será; o que foi feito é o que será feito; não há nada de novo sob o sol* (Ecl 1,9).

Por isso, os sábios insistiram que havia uma vontade prévia, *durante os seis dias da Criação*, para todos os milagres que se desviam do costume e que surgiram ou acontecerão como foi prometido. Naquela época, as naturezas daquelas coisas eram determinadas de tal maneira que o que acontecia dava-se dentro dessa determinação. Quando ocorre num determinado momento se supõe que algo novo aconteceu, mas não é assim. Eles expuseram longamente sobre este assunto no *Midrash Qohelet* e em outros lugares. Um de seus discursos a respeito desse assunto é: *O mundo segue seu costume*. Em tudo o que dizem, a paz esteja com eles, você sempre descobrirá que evitam de colocar a vontade em cada coisa em particular e em cada momento particular. Assim, é dito do homem que quando ele se levanta e se senta, ele se levanta e se senta pela vontade de Deus. Isto significa que no começo da existência do homem, Ele determinou sua natureza de tal forma que este se levantaria e se sentaria por sua própria escolha, não que agora, quando este se levanta, Ele deseje que ele se levante ou que ele não se levante. Assim também, Ele não deseja agora, quando esta pedra está caindo, que ela cai ou não caia.

Para resumir o assunto, você deve acreditar que, assim como Deus deseja que o homem seja ereto, de peito largo, disponha de dedos,

assim também deseja que ele se mova ou fique em repouso por conta própria e realize ações voluntariamente. Ele não o força a executá-las nem impede que ele as execute. Essa noção foi explicada no Livro da Verdade, onde Ele disse: *Eis que o homem se tornou semelhante a um de nós, conhecendo o bem e o mal* (Gn 3,22) . O Targum já deixou clara a interpretação de Sua avaliação, [como um] de nós conhecendo o bem e o mal. Significa que ele [Adão] se tornou único no mundo, ou seja, uma espécie que não possui espécies similares com as quais compartilha essa qualidade que alcançou. O que é essa qualidade? É que ele próprio, por si mesmo, conhece as coisas boas e más, faz o que bem entender, e não é impedido de fazê-las. Visto que isto é assim, ele pode estender sua mão, tirar desta árvore, comer e viver para sempre (Gn 15,13). E uma vez que isso é necessário para a existência humana, quero dizer, que o homem realiza boas e más ações por sua própria escolha, quando deseja, segue-se necessariamente que ele pode ser instruído nos bons caminhos e ser comandado, proibido, punido e recompensado. Tudo isso é justo. É necessário que ele acostume sua alma a boas ações até que ele adquira as virtudes e evite más ações até que os vícios desapareçam dele, se ele tiver adquirido algum. Ele não deve afirmar ter atingido uma condição que já não pode mudar, uma vez que cada condição pode mudar de boa para ruim e de ruim para boa; a escolha é dele. Tendo em vista este assunto e por sua causa, estabelecemos tudo o que discutimos sobre obediência e desobediência.

Ainda nos resta algo a explicar sobre esse assunto. Existem alguns versículos que levam as pessoas a imaginar que Deus preordena e compele à desobediência. Isso é falso e explicaremos esses versículos porque é comum as pessoas estarem preocupadas com esses pontos. Um deles é o que ele disse a Abraão: *E eles serão escravizados e oprimidos*. Eles disseram: *“Ele predestinou que os egípcios oprimissem a semente de Abraão*. Por que então Ele os puniu quando eles necessária e inevitavelmente escravizaram [os hebreus] como Ele predeterminou?”

A resposta é que isso é como se o Exaltado dissesse que algumas pessoas nascidas no futuro serão pecaminosas, algumas serão obedientes, algumas virtuosas e mesmo más. Ora, isso está correto,

mas não resulta necessariamente desta afirmação o fato de um certo homem mau ser infalivelmente mau, nem que um dado homem virtuoso é infalivelmente virtuoso. Em vez disso, quem é ruim é assim por sua própria escolha. Se ele deseja ser virtuoso, ele pode ser assim; não há nada que o impeça. Da mesma forma, se desejar, qualquer homem virtuoso pode ser ruim; não há nada que o impeça. A previsão não é sobre um indivíduo em particular, de modo que ele poderia dizer: “Isso foi pré-ordenado para mim”. Pelo contrário, é afirmado de uma maneira geral, e cada indivíduo é capaz de exercer sua escolha sobre sua disposição inata original. Similarmente, se qualquer egípcio individual que os oprimisse e os tratasse injustamente não quisesse oprimi-los, ele tinha escolha sobre isso; pois não foi determinado de antemão que um determinado indivíduo os oprimisse.

Esta resposta é a mesma que a resposta para o problema apresentado para o que ele afirmou, a saber, *Eis que você está prestes a dormir com seus pais, e este povo se levantará e se desviará dos deuses estrangeiros da terra* (Dt 31,16). Não há diferença entre isto e a sua palavra: *assim, devemos agir e lidar com qualquer um que adora ídolos*. Se nunca houve alguém que tenha cometido uma transgressão, então as ameaças, todas as maldições e, da mesma forma, todas as punições que estão na Lei seriam inúteis. A existência do julgamento à morte por apedrejamento na Torá não nos faz dizer que o homem que profanou o sábado é compelido a profaná-lo, nem as maldições nos forçam a dizer que aqueles adoradores de ídolos, sobre os quais caíram essas maldições, foram previamente destinados à idolatria. Em vez disso, todos que adoravam [ídolos] o fizeram por escolha e punição próprias. Assim como eles escolheram seus caminhos... eu também devo escolher etc. (Is 66,3-4).

Ele disse: *E eu endurecerei o coração de Faraó* (Ex 14,4) – e depois *irei puni-lo e destruí-lo*. Essa palavra contém um tema para discussão e dele deriva um grande princípio. Reflita em meu discurso sobre este assunto, dedique sua mente para ele, compare-o com o discurso de todos que já discutiram e escolha o melhor para si mesmo. Se Faraó e seus seguidores não tivessem cometido outro pecado a não ser não

deixar Israel livre, a questão seria sem dúvida problemática, pois Ele os impedira de libertar [Israel]. Como Ele disse: *Porque eu endureci o seu coração e o coração dos seus servos* (Ex 10,1). Então [de acordo com esta suposição], Ele pediu que [o Faraó] os libertasse, embora ele não tenha sido obrigado a libertá-los. Ele o puniu e destruiu a ele e a seus seguidores por não libertá-los. Isso teria sido uma injustiça e contrário a tudo o que estabelecemos anteriormente.

No entanto, a questão não é assim, mas antes, o Faraó e seus seguidores desobedeceram por escolha própria, sem força ou compulsão. Eles oprimiram os estrangeiros que estavam no meio deles e os trataram com pura injustiça. Como se diz claramente: *E ele disse ao seu povo: Eis aqui o povo de Israel... Venha, vamos tratar astutamente com eles* (Ex 1,9-10). Esta ação deveu-se a sua escolha e ao caráter maligno de seu pensamento; Não havia nada que os obrigasse a fazê-lo. Deus os castigou por isso, impedindo-os de se arrependem para que o castigo merecido por sua justiça os atingisse. O que os impedia de arrepender-se era que eles não libertariam [Israel]. Deus explicou isso [ao Faraó] e informou-o de que, se Ele quisesse só tirar [Israel] [do Egito], Ele teria exterminado [Faraó e] seus seguidores, e eles teriam saído. Mas, além de tirá-los, Ele queria punir [o Faraó] por oprimi-los anteriormente. Como Ele havia dito desde o início: *E eu julgarei também aquela nação a quem eles servirão* (Gn 15,14). Não era possível puni-los se eles se houvessem arrependido, então eles foram impedidos de se arrependerem e continuaram mantendo [Israel como escravo]; isto é o que Ele diz: *Agora por certo vou estender a minha mão... mas por isso deixarei você em pé etc.* (Ex 9,15-16).

Nenhuma desgraça precisa ser destinada a nós por causa do nosso dizer que Deus pode punir um indivíduo por não se arrepender, mesmo que Ele não lhe deixe escolha sobre o arrependimento. Isso porque Ele, que Ele seja exaltado, conhece os pecados e sua sabedoria e justiça impõem a medida da punição. Ele pode punir só neste mundo, ele pode punir só no outro [mundo], ou ele pode punir em ambos os reinos. Sua punição neste mundo varia: ele pode punir em relação ao corpo, dinheiro ou ambos. Ele pode impedir alguns dos movimentos

voluntários do homem como um meio de punição, como impedir sua mão de agarrar, como fez com Jeroboão (1Rs 13,4), ou impedir o olho de ver, como fez com os homens de Sodoma que se uniram contra Ló (Gn 19,11). Do mesmo modo, Ele pode impedir a escolha do arrependimento, de modo que o homem não se incline a ele e seja destruído por seu pecado. Não é necessário que nós conheçamos Sua sabedoria até o ponto de saber por que Ele puniu esse indivíduo com esse tipo de punição e não o puniu com outro tipo, assim como não sabemos a razão pela qual ele determinou que essa espécie tivesse essa forma e não outra forma. Mas a regra geral é que todos os Seus caminhos são justos (Dt 32,4). Ele pune o pecador até o limite de seu pecado e recompensa o homem beneficente na medida de sua beneficência.

Se você dissesse: “Por que Ele solicitou, por diversas vezes, que [o Faraó] libertasse Israel, embora este tenha sido impedido de fazê-lo? É como se as pragas caíssem sobre ele por permanecer obstinado, embora sua punição como dissemos, era permanecer obstinado. Não era fútil, então, exigir dele o que ele era incapaz de fazer? No entanto, isso também fazia parte da sabedoria de Deus, para ensinar [o Faraó] que, se Deus quisesse abolir sua escolha, Ele o faria. Assim, Ele lhe disse: “Eu peço que você os liberte, e se os libertar agora, você será salvo. Mas você não os libertará para que seja destruído”. [O faraó] Teria que responder favoravelmente; isso seria o oposto da afirmação do profeta de que ele estava impedido de responder favoravelmente. E ele não foi capaz disso. Há um verso importante sobre esse tema, bem conhecido de todas as pessoas. Ele disse: *E para declarar o Meu nome em toda a terra* (Ex 9,16). Deus pode punir um homem impedindo-o de escolher uma certa ação; este sabe disso, mas é incapaz de lutar com sua alma e levá-la de volta para fazer essa escolha.

A punição de Sihon, rei de Hesebon, ocorreu da mesma maneira, pois Deus o castigou por sua transgressão anterior – à qual ele não foi compelido – impedindo-o de ceder a Israel, e assim eles o mataram. Isto é o que Ele disse: *Mas Sihon, rei de Hesbon, não nos deixou passar por ele; porque o Senhor vosso Deus endureceu o seu espírito* etc. (Dt 2,30). Ora, o que tornou isto tão difícil para todos os comentadores foi a sua

suposição de que Sihon foi punido por não deixar Israel passar pelo seu país. Eles disseram: “Por que ele foi punido, se ele estava sendo compelido?” – assim como supunham que o faraó e seus seguidores foram punidos por não libertarem Israel.

A questão é precisamente como explicamos. Faraó e seus seguidores, devido à sua prévia opressão [a Israel], tiveram como castigo de Deus não se arrependem e assim todas aquelas pragas caíram sobre eles. Sihon, devido a essa prévia opressão ou injustiça em seu reino, foi punido por ser impedido de render-se a Israel, e assim eles o mataram.

Através de Isaías, Deus, que Ele seja exaltado, já explicou que pode punir alguns pecadores, impedindo-os de se arrependem e não deixando nenhuma escolha a eles. Como ele disse: “Faça o coração deste povo gordo, torne seus ouvidos pesados [e feche os olhos; para que, vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos e entendendo com o coração], retornem e sejam curados” (Is 6,10). Este é um texto claro que não necessita de interpretação; na verdade, é uma chave que abre muitas passagens obscuras.

A seguinte declaração de Elias, que a paz esteja com ele, contra os hereges de sua época está de acordo com este princípio: *Pois você voltou o coração deles para trás* (1 Rs 18,37). Ele quer dizer que, por terem sido desobedientes por sua própria vontade, sua punição foi remover seus corações do caminho do arrependimento e não deixar que escolham ou abandonem essa desobediência. Por causa disso, eles continuaram em sua heresia. Ele disse: *Ephraim se junta aos ídolos; deixe-o sozinho* (Os 4,17). Ou seja, ele é amigo dos ídolos por sua escolha e os ama. Sua punição é deixar de amá-los, que é o significado de *deixá-lo em paz*. Isto pertence aos melhores comentários, para quem entende a sutileza dos significados.

A declaração de Isaías, ó Senhor, por que nos fazeis desviar-nos de vossos caminhos e endurecei nosso coração contra o temor a vós? (Is 63,17), está dissociada de todo este assunto e não tem qualquer ligação com essa noção. A intenção dessa declaração, como pode ser

visto em seu contexto, era reclamar do Exílio, de sermos estranhos, de sermos isolados e da vitória das [outras] comunidades religiosas sobre nós. Então ele disse de uma maneira suplicante: “Ó Senhor, quando eles virem esta vitória dos hereges, eles se desviarão do caminho da verdade, e seus corações se afastarão de vosso temor. É como se Vós fosseis o único que faz com que esses ignorantes se afastem da verdade”. Isso é semelhante à declaração de Moisés, nosso mestre: *Então as nações que ouviram falar de vossa fama dirão... “Porque o Senhor não pôde...”* (Nm 14,15-16). De acordo com isso, ele [Isaiás] disse depois: “Por amor de seus servos, que retornem as tribos de vossa herança” (Is 63,17); ele quer dizer, para que ali não se dê nenhuma profanação do nome.

Nos profetas menores, há uma explicação do que foi dito pelos seguidores da verdade conquistados pelos gentios durante o tempo do Exílio. Relatando o que disseram, ele [Malaquias] disse: *Todo aquele que pratica o mal é bom aos olhos do Senhor, e Ele se deleita neles; ou onde está o Deus da justiça?* (Ml 2,17). Ele também relatou o que dissemos sobre a severidade do Exílio: Você disse: “É inútil servir a Deus; que benefício existe em cumprir Seu encargo e andar em luto por causa da Senhor dos exércitos? *E agora nós vemos os orgulhosos sendo abençoados etc.*” (Ml 3,14-15) Então explicou e disse que Ele, que Ele seja exaltado, explicará a verdade. E ele disse: *Então você discernirá novamente [entre o justo e o ímpio]* (Ml 3,18).

Nós certamente explicamos o significado daqueles versos difíceis na Torá e na Bíblia que fazem as pessoas acreditarem que Deus compele à desobediência. É uma explicação que está correta de acordo com a mais rigorosa reflexão, e preservamos nosso princípio de que a obediência e a desobediência estão sob a responsabilidade do homem e que ele é um agente livre em suas ações. O que ele quer fazer, ele faz; o que ele não quer fazer, ele não faz. No entanto, Deus o castiga por seu pecado, anulando sua vontade, como explicamos. [Também] A aquisição das virtudes e dos vícios está em suas mãos. Portanto, é obrigatório e necessário que ele seja ávido e trabalhe arduamente por si mesmo para adquirir as virtudes, já que não há ninguém fora

dele que o mova em direção a elas. É o que dizem nos ensinamentos morais deste tratado: Se eu não sou a favor de mim mesmo, quem então o será?

Com relação a este assunto, resta ainda apenas uma noção a ser resumida sobre o propósito do capítulo a ser completado. Embora eu não quisesse falar sobre isso, a necessidade me força a considerar o conhecimento divino das coisas que surgem. Pois esse é o argumento usado contra nós por aquele que afirma que o homem é compelido à obediência e à desobediência e que em todas as suas ações ele não tem escolha, uma vez que sua escolha depende da escolha de Deus. O que estimula essa crença é que ele [o adversário] diz: «Deus sabia se esse indivíduo seria decente ou depravado ou não sabia?». Se você disser “Ele sabia”, seguir-se-ia que ele seria compelido a essa condição pela qual Deus conhecia com antecedência, ou então Seu conhecimento não seria verdadeiro conhecimento. Se você disser: “Ele não sabia disso com antecedência”, coisas extremamente repulsivas se seguiriam e a casa cairia.

Ouçã o que direi e pondere bem; sem dúvida é a verdade. Na ciência divina, quero dizer, a metafísica, já foi explicado que Deus, que Ele seja exaltado, não sabe por meio do conhecimento nem está vivo por meio da vida, de tal forma que Ele e o conhecimento seriam duas coisas distintas, como acontece com o homem e seu conhecimento. De fato, o homem é diferente do conhecimento e o conhecimento diferente do homem; são, portanto, duas coisas [diferentes]. Se Deus soubesse por meio do conhecimento, ali haveria necessariamente multiplicidade e as coisas eternas seriam múltiplas – Deus é o conhecimento pelo qual Ele sabe, a vida pela qual está vivo, o poder pelo qual é poderoso, e, da mesma forma, todos os demais atributos. Mencionei a você apenas uma simples prova, que se aproxime do entendimento das pessoas comuns. No entanto, os argumentos e provas que anulam isso [isto é, a posição do adversário] são muito fortes e demonstrativos. É correto dizer que Ele (que seja exaltado) seja idêntico aos Seus atributos e Seus atributos sejam idênticos a Ele, de modo que Ele é o Conhecimento, o Conhecedor e o Conhecido; Ele é a Vida, o Vivo e aquele que prolonga

Sua essência viva; e da mesma forma com o resto dos atributos. São noções difíceis. Não pense poder compreendê-las corretamente a partir de duas ou três linhas do meu discurso. Na verdade, o que se apresenta aqui é apenas um relatório sobre eles.

Devido a este princípio maior, não é permitido dizer em hebraico *Hei Adonai* [a vida do Senhor], como eles dizem *Hei Nafshekha* (1Sm 1,26; 2Rs 2,2; 4,6) [a vida da sua alma] ou *Hei Far'oh* (Gn 42,15.16) [a vida do Faraó], isto é, a construção genitiva. Pois o substantivo no caso genitivo e o substantivo ao qual ele está relacionado são duas coisas diferentes, e uma coisa não pode ser colocada em uma construção genitiva consigo mesma. Porque a vida de Deus é Sua essência e Sua essência é Sua vida e nada mais que Ele; eles não falam sobre isso por meio de uma construção genitiva. Em vez disso, afirmam: *Hai Adonai* (1 Sm 20,3; 2Rs 2,2; 4,6) [o Senhor vive]. A intenção é dizer que Ele e Sua vida são uma única coisa.

Também ficou claro na metafísica que, por nossos intelectos, somos incapazes de alcançar a perfeita compreensão de Sua existência, que Ele seja exaltado. Isso se deve à perfeição de sua existência e à deficiência de nossos intelectos. Sua existência não tem causas pelas quais Ele pudesse ser conhecido. A inadequação de nossos intelectos para percebê-lo é como a inadequação da luz da [nossa] visão para perceber a luz do sol. Isso não é devido à fraqueza da luz do sol, mas porque este último é mais forte que a luz [da visão] que quer percebê-lo. Este assunto já foi muito discutido, e todos os discursos são corretos e claros.

Segue-se, portanto, que não conhecemos o seu conhecimento, e não ha modo de compreendemos isso, uma vez que ele é seu conhecimento e seu conhecimento é Ele. Essa ideia é estranha e maravilhosa, mas os iludiu de modo que pereceram. Embora soubessem que Sua existência (que Ele seja exaltado) não pode ser percebida em toda a sua perfeição, eles procuraram perceber Seu conhecimento de modo que ele pudesse caber em seus intelectos. Isso é impossível, pois se compreendêssemos o Seu conhecimento, compreenderíamos Sua existência – porque o todo

é uma única coisa. Percebê-lo perfeitamente seria percebê-lo como ele é em sua existência com relação ao conhecimento, poder, volição, vida e outros atributos nobres. Assim, explicamos que a especulação sobre perceber seu conhecimento é pura ignorância. No entanto, sabemos que Ele sabe, assim como sabemos que Ele existe. Então, se nos perguntarem como Ele é idêntico ao Seu conhecimento, diremos que não percebemos isso, assim como não percebemos perfeitamente Sua existência. Aquele que desejava perceber o Seu conhecimento (que Ele seja exaltado) foi repreendido e lhe disseram: *Pode por acaso descobrir as coisas profundas de Deus?* (Jó 11,7).

De tudo o que dissemos, segue-se que as ações do homem são confiadas a ele e que cabe a ele ser virtuoso ou iníquo, sem que Deus o obrigue a qualquer uma dessas condições. Segue-se, portanto, que nisso pode haver comandos, instrução, precaução, recompensa e punição. Não há incerteza sobre tudo isso. Como explicamos, nossos intelectos são incapazes de representar o Seu conhecimento, que Ele seja exaltado, ou a percepção que Ele tem de todas as coisas.

Essa é a totalidade do que pretendíamos resumir nesta seção. Agora cabe a mim terminar o discurso e começar o comentário sobre o *tratado* ao qual prefaciamos esses capítulos.

